

# Diário da Queda: a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade

*Diary of the Fall: the power of the transmission between generations and the transgenerationality of trauma*

## LENIZA KAUTZ MENDA

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

**RESUMO** O trabalho focaliza a força da transmissão de valores entre as gerações exposta no livro *Diário da Queda*, do autor gaúcho Michel Laub. As feridas psicológicas, os segredos não revelados e as atitudes negativas em relação ao “diferente” e ao “outro” ocorrem ao longo das três gerações enfocadas pelo narrador – o avô, um sobrevivente do campo de concentração; o pai, um negociante bem sucedido; e o filho, o personagem que conta a história. Os traumas familiares são transmitidos de uma geração para a outra, culminando com a prática do bullying pelos rapazes judeus contra João, o rapaz não judeu da turma.

**PALAVRAS-CHAVE** *Diário da Queda*; Michel Laub; Literatura gaúcha; Transgeracionalidade.

**ABSTRACT** The paper focuses on the strength of the transmission of values between generations in the book called *Diary of the Fall*, by Michel Laub. The psychological wounds, unrevealed secrets and negative attitudes toward “the different” and “the other” occur throughout the three generations focused by the narrator – the grandfather, a survivor of the concentration camp; his father, a successful businessman; and the son, the character who tells the story. The family traumas are transmitted from one generation to the next, culminating with the practice of bullying by the Jewish boys against the non-Jewish boy in the class.

**KEYWORDS** *Diary of the Fall*; Michel Laub; Literature of Rio Grande do Sul; Transgenerationality.

Laços de família: uma espécie de nó que, quando visível, enfeita; enquanto invisível, estreita.  
(Anônimo)

**NO LIVRO INTITULADO *DIÁRIO DA QUEDA*, DO ESCRITOR GAÚCHO MICHEL LAUB,** o narrador-personagem aborda a história de três gerações: a do avô, a do pai e a do filho (esse último, no caso, o próprio narrador).

*Diário da Queda* tem como fulcro uma cena de crueldade adolescente protagonizada pelo narrador judeu e seus colegas da escola judaica na festa de aniversário de João, o colega gó<sup>1</sup> e pobre.

A reconstituição dos fatos, através da memória, revela mais do que um mero acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos da vida do protagonista nas décadas seguintes – a adolescência conturbada, o relacionamento conflituoso com o pai, a descoberta do suicídio do avô, mantido como segredo familiar. Paulatinamente, ocorre uma reflexão corajosa sobre afetos, perdas e construção da identidade através da transmissão geracional. Nas lembranças que se unem de forma fragmentada, surgem os elos entre as três gerações. Assim, a história geracional parece ser uma só, tal a força da atualização e recorrência dos fatos passados para a compreensão e elaboração do presente do narrador.

O avô, assim como a maioria dos personagens, não é denominado ao longo da narrativa, o que corrobora o aspecto genérico, universal e arquetípico do mesmo. No Brasil, o processo de adaptação desse imigrante ocorre de modo natural. Adota a profissão de caixeiro-viajante, muito comum entre os imigrantes judeus provenientes da Europa Oriental. Torna-se um judeu assimilado e se casa com uma não-judia que se converte ao judaísmo por vontade própria e não pela exigência do futuro marido. A identidade judaica do avô fica ofuscada, uma vez que esse personagem não frequenta a sinagoga nem sequer segue as tradições do judaísmo.

Via de regra, ser membro de um grupo é o mesmo que se identificar e ser identificado pelos outros membros como tal. De acordo com Mezan (1986, p. 52), para uma criança se tornar um judeu é preciso identificar-se com um conjunto de significações que é o “ser judeu”, significações que lhes serão transmitidas pelos agentes sociais apropriados e que, na maior parte das vezes, costumam ser os pais.

No caso específico do avô, uma vez que há a presunção de que seus pais e familiares haviam sido exterminados durante o Holocausto, percebe-se que a sua educação judaica fora praticamente nula. A ausência dos modelos paterno e materno, aliada à não frequência à escola judaica e à não vivência das festividades judaicas, enfim, de tudo que remete à tradição, contribuiu para a identificação frágil ou praticamente inexistente do avô em relação ao judaísmo.

O avô possui um caráter taciturno e melancólico. Ele é sobrevivente do Holocausto e se recusa a falar de seu passado, ofuscando-o pelo silêncio e pela ausência de relatos sobre o ocorrido com seus parentes durante a Shoá<sup>2</sup>. Somente após a sua morte há a descoberta de seus registros escritos, nos quais também não há referências explícitas à mor-

te de seus familiares. O relato e as inferências do personagem-narrador na tentativa de desvendar os laços familiares deixam subentendidas as mortes dos parentes e amigos do avô durante a confinamento e extermínio deles nos campos de concentração.

Aqueles indivíduos que sobreviveram a grandes violências acabam buscando defesas extremadas como forma de “sobreviver psicologicamente”:

A reação ao traumático, à medida que rompe as ligações, incide diretamente e imediatamente sobre a consciência e sobre as fronteiras entre as instâncias psíquicas (...) A ruptura promovida pelo trauma questiona dolorosamente no sujeito a continuidade do si mesmo, a organização de suas identificações e ideais, o emprego dos mecanismos de defesa, a coerência de sua forma pessoal de sentir, de atuar e de pensar. (HELLER; MARTINS COSTA, 2005, p. 415)

Segundo essa perspectiva, o avô, sobrevivente do Holocausto, aparentemente leva uma vida normal: casa-se, é bem sucedido profissionalmente, gera um filho saudável; recusa-se, entretanto, ao convívio social e mantém um confinamento permanente em seu escritório:

(...) e uma vez meu avô começou a gritar até que minha avó chamasse dois enfermeiros e a partir daquele dia ele precisou tomar remédios que além de terminar com os gritos não fizeram muita diferença porque ele continuou o tempo todo isolado. (LAUB, 2011, p. 80)

A clausura e a solidão autoimpostas voluntariamente por ele são válvulas de escape e proteção para o seu contínuo sofrimento. Para os sobreviventes do Holocausto, devido à magnitude do trauma, é impossível e intolerável lembrar, rememorar,

pensar, sentir e até mesmo sonhar. Dessa forma, vários comportamentos negativos emergem, os quais se enraízam na estrutura psíquica do indivíduo. No caso do avô, há uma nítida cisão entre o “eu” e o “mundo”, uma necessidade de apagar o passado traumático tão sofrido através do silêncio, do não-compartilhamento de suas emoções e do segredo em relação ao Holocausto. O segredo só vem à tona quando seu filho descobre os cadernos do pai e constata que seus escritos são totalmente desprovidos de emoções e evidenciam uma grande escassez de detalhes em relação ao passado:

Do ramo da família do meu avô morreram todos em Auschwitz, e não há uma linha a respeito deles nos cadernos. Não há uma linha sobre o campo em si, quanto tempo meu avô ficou lá, como fez para sobreviver, o que sentiu quando foi libertado, e posso imaginar a reação do meu pai ao ler o texto, seis meses ou um ano depois da morte do meu avô, e perceber essa lacuna. (Ibidem, p. 30)

Após o suicídio do avô, o filho descobre seus cadernos e manda traduzi-los. Seus relatos constituem, no entanto, um meio de idealização da realidade, pois as descrições bizarras dos hospitais, das condições de higiene e dos bebês apresentam uma realidade fantasiosa e edulcorada. Na verdade, elas se mostram exatamente ao inverso do que é descrito nesses registros do avô: uma negação do feio e do cruel. Essas cenas descritivas constantes do diário enfeitam a realidade, dando-lhe uma dimensão fantasiosa e mentirosa. São descrições do mundo como deveria ser e, nesse sentido, representam um afastamento e negação da sujeira, das condições insalubres dos campos de concentração, enfim, dos horrores vivenciados durante o Holocausto:

*Hospital* – lugar com médicos pacienciosos que

explicam à mulher grávida os riscos da gravidez que são baixos e os riscos da operação cesariana que são baixos também, e os riscos de infecção depois do parto que são inexistentes dados os procedimentos mais rigorosos de higiene no edifício (...). (Ibid., p. 46)

*Gravidez* – condição em que a esposa passa meses sem doenças e nem sofre riscos tais como doenças no útero ou pressão alta. (Ibid., p. 79)

... esses mesmos cadernos dizem que a decisão de seguir em frente com a gravidez da minha avó foi tomada sem hesitação, a expectativa de uma nova vida que foi planejada pelo marido desde sempre, seu desejo mais profundo de continuidade e doação amorosa. (Ibid., p. 46)

A tentativa de “mascarar” a realidade se faz presente no ato da escritura dos cadernos; a ilusão do avô, porém, é desmascarada quando o neto depara com o relato e percebe a total ausência de sentimentos e a indiferença do avô ao seu filho cujo nascimento fora idealizado pelo mesmo:

Meu avô preencheu dezesseis cadernos sem dizer uma única vez o que sentia em relação ao meu pai, uma única referência sincera, uma única palavra das que costumamos ver nas memórias dos sobreviventes de campos de concentração (...), a esperança que se renova quando se tem um filho depois de sair de Auschwitz, a alegria que se consegue ter novamente ao ver um filho crescer como resposta a tudo que se viu em Auschwitz, e o horror de saber que alguém que saiu de Auschwitz e passou a gastar todo o tempo livre de forma tão estéril, o exercício inútil e inexplicável de imaginar cada fenômeno da realidade como algo que deveria se transformar no seu exato oposto, até desaparecerem os defeitos, os relevos (...). (Ibid., p. 47)

A idealização presente nos cadernos em relação ao nascimento do filho demonstra o autoengano e denota uma realidade não-elaborada na estrutura psíquica do avô. Esse registro consiste na antítese do que nos apresenta Imre Kertész, prêmio Nobel de literatura 2002, no livro *Kadish por uma criança não nascida*, no qual ele revela não ter tido filhos para poupá-los da transmissão de seu passado traumático inabalável.

Na literatura brasileira, um caso de pessimismo em relação ao futuro e uma tomada deliberada de decisão quanto ao não nascimento de um descendente pode ser encontrado no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. O narrador rememora sua vida após a morte, constituindo-se, dessa forma, num *defunto-autor*. O narrador morto, portanto, está totalmente desvinculado de qualquer relação com a sociedade e com a própria vida. A morte favorece descompromisso e sinceridade em relação à vida e favorece o julgamento crítico; ele, portanto, expõe, de forma bastante cruel, seu *pessimismo* e *negativismo* para com a condição humana, externando o desejo de não reproduzir a espécie. No capítulo 160, intitulado *Das Negativas*, há a expressão de um pensamento, por parte do narrador-personagem, que se assemelha ao de Imre Kertész (com grifo nosso):

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. (...) Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal, porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria. (ASSIS, 2004, p. 209)

A análise do pai do narrador, o representante da segunda geração pós-Holocausto, exige que se façam algumas considerações sobre o conceito de transgeracionalidade, ponto fulcral desse trabalho.

Alguns anos após o final da Segunda Guerra Mundial, psicanalistas do mundo inteiro começaram a receber em seus consultórios os sobreviventes e/ou descendentes do Holocausto judeu – Shoá. Reinauguraram-se, a partir daí, os estudos de Transmissão Psíquica entre Gerações. Nessa nova perspectiva analítica, as violências sociais e familiares, os traumas e os segredos parentais são enfocados por psicanalistas e profissionais dessa área de estudos. A transgeracionalidade, portanto, torna-se, paulatinamente, objeto de estudo.

Transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa a outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra. Na transgeracionalidade, as transmissões são inconscientes e poderão ser determinantes nas patologias das gerações seguintes.

A transmissão psíquica de uma geração a outra engloba duas modalidades básicas: a *intergeracional* e a *transgeracional* (BAÜMER; TRACHTENBERG; KAHL, 2005, pp. 382-383). A primeira delas é a que acontece *entre* as gerações, havendo uma distância, um espaço entre o “transmissor” e o “receptor”, preservando-se as bordas da subjetividade. A modalidade *transgeracional*, ao contrário, é invasiva, pois a transmissão de valores atravessa o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de informações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem a preservação dos espaços ou das bordas de subjetividade.

O pai do personagem-narrador, igualmente não identificado pelo nome, é o descendente direto do sobrevivente do Holocausto e, como tal, absorve, através do convívio e da educação dada pelo pai,

a visão de vida melancólica pela qual ele se achava possuído. Os traumas internalizados em sua personalidade após a descoberta dos cadernos de seu pai evidenciam-se na medida em que essa personalidade se identifica com o judaísmo de uma forma *negativa e autodestrutiva*. O pai é acometido pela mania de perseguição individual e coletiva, fato esse que causa prejuízos ao seu diálogo e à comunicação com o filho:

Se eu fosse contar o tempo que passávamos juntos por semana não daria mais que algumas horas, e como nessas horas estavam incluídos os discursos sobre os judeus que morreram nas Olimpíadas de 1973, os judeus que morreram em atentados da OLP, os judeus que continuariam morrendo por causa dos neonazistas na Europa (...) é possível que mais da metade das conversas que ele teve comigo girassem em torno desse tema. (LAUB, 2011, p. 36)

Ausência de diálogo, pontos de vista radicais e menções a fatos históricos de aniquilamento e destruição contribuem para a internalização do negativismo em relação ao judaísmo. O orgulho e admiração por personalidades judaicas e fatos históricos positivos do judaísmo inexistem em sua identificação com essa tradição. Ele se sente judeu porque os outros o apontam como tal. Desse modo, os vínculos com o judaísmo ocorrem de “fora” para “dentro”, o que constitui uma forma negativa de identificação. Ele se sente como minoria; não há, por parte dele, o sentimento de “pertencer” e nem os valores positivos advindos do pertencimento. O judaísmo do pai se caracteriza por um sentimento de negação, uma vez que os “outros” o apontam como o diferente, o que corrobora o famoso pensamento de Sartre de que “o inferno são os outros”.

Eu não tive a oportunidade de estudar numa escola como a sua, o meu pai disse. A vida inteira eu estudei em escolas onde não havia judeus. Eu era o único judeu entre quinhentos alunos, ele disse, e você não sabe o que é estudar todo dia sabendo que a qualquer momento alguém vai lembrar disso (...). Não adianta você ser amigo de todos porque eles sempre falarão disso. Não adianta ser o melhor porque eles sempre esfregarão isso na sua cara. (Ibidem, p. 43)

A visão de mundo do pai no que se refere à identificação judaica está eivada de preconceitos e de estereótipos moldados ao longo da história: “(...) e eles dizem o que sempre se dirá dos judeus, você que rouba o emprego dos outros, que empresta dinheiro a juros, que explora, que conspira, que ameaça, que oprime” (Ibid., p.44).

O pai, ao se tornar adulto, não se identifica com o judaísmo de uma maneira saudável. De uma determinada forma, ele é uma pessoa com sintomas doentios, pois não entende o porquê de lhe ocorrerem ameaças externas nem o fato de ser perseguido pela maioria não judia. A falha na transmissão dos valores positivos contribui para a formação de uma identidade hostil e irracional diante do mundo.

Portanto, percebe-se que a transmissão transgeracional é invasiva e costuma estar relacionada a situações de traumas, lutos, violências pessoais e sociais e vergonhas, presentes e/ou passadas:

(...) quando um acontecimento com potencialidade traumática (...) vem perturbar ou impedir um processo de integração harmônica, ele cria lacunas, inclusões, criptas na psique em questão. Esses “passados em silêncio”, ou “mantidos em segredo”, esses “restos insensatos” de um acontecimento inaceitável estão fora de um trabalho

psíquico, mas vão obstruir a psique do sujeito e do grupo, permanecendo em estado bruto, consagrados à repetição e oferecidos às identificações da criança, geração sucessora (...). (BAÜMER; TRACHTENBERG; KAHL, 2005, pp. 387-388)

A transmissão transgeracional é potencialmente desestruturante para a geração receptora, pois não há circulação de palavras ou afetos. Os valores transmitidos pelo pai ao filho (narrador) trazem à tona o trauma do Holocausto vivido pelo avô e a opressão e a perseguição sofridas pelo povo judeu nos mais diversos lugares e tempos históricos. Dessa forma, quando o filho resolve se transferir de escola judaica para a não judaica (gói), com o intuito de apoiar e tentar reatar os laços com o colega João, que fora ferido na queda, há, no inconsciente do pai, uma erupção de sentimentos persecutórios. A veemente recusa do pai quanto à troca de escola do filho descortina o trauma do nazismo: em seu inconsciente, o pai tenta convencer o filho de que estavam vivenciando novamente o clima da Alemanha nazista de 1937. Como resultado da oposição paterna, o filho passa a odiar tudo o que dizia respeito ao nazismo e ao seu avô que estivera no campo de concentração.

A modalidade transgeracional faz parte da transmissão psíquica de uma geração para a outra. Embora pai e filho tenham divergências e posicionamentos dicotômicos em relação ao judaísmo, percebe-se, ao longo da narrativa, uma determinada identificação e uma transmissão de valores de pai para filho.

Michel Laub, o autor da narrativa, não lida com personagens planos, uma vez que dá ênfase ao caráter dicotômico da personalidade paterna. O personagem-pai expressa a dicotomia e a ambivalência dos aspectos negativos e positivos do judaísmo.

O menino (narrador) faz a denúncia do ato premeditado da queda de João e acusa os colegas judeus de terem praticado tal ato de agressão e violência deliberadamente. Além disso, ele assume o compromisso moral de trocar de escola em solidariedade a João. Com essas atitudes, o filho demonstra empatia em relação ao pensamento paterno de que o judaísmo implica valores éticos e morais. A ideia da solidariedade judaica está implícita nessas decisões filiais, o que vem a corroborar o pensamento de que, na cadeia intergeracional, o sujeito não é somente beneficiário e herdeiro, mas também adquirente singular daquilo que lhe é transmitido. A absorção dos valores positivos do judaísmo permite a cada geração situar-se em relação às outras, perceber e respeitar as diferenças, tornar-se um elo, e inscrever cada sujeito numa cadeia e num grupo:

Não fazia sentido que eu quase tivesse deixado um colega inválido por causa disso, ou porque de alguma forma havia sido influenciado por isso, o discurso do meu pai como uma reza antes das refeições, a solidariedade aos judeus do mundo e a promessa de que o sofrimento dos judeus do mundo nunca mais haveria de se repetir, enquanto o que vi durante meses foi o contrário: João sozinho contra um bando, sem se importar de ser humilhado, sem nunca ter dado um sinal que demonstrasse a derrota quando era enterrado na areia, e foi por causa dessa lembrança, a consciência de que a covardia não era dele, e sim dos dez ou quinze que o cercávamos, uma vergonha que guardaria em mim para sempre se eu não tomasse uma atitude, foi por causa disso que decidi mudar de escola no final do ano. (LAUB, 2011, p. 37)

A transgeracionalidade ocorre quando não há metabolização psíquica: o não elaborado na história dos pais, o indizível, o inominável e o incon-

fessável é transmitido como material bruto e depositado na geração seguinte sem ser pensado ou elaborado. Assim, o pai do narrador guardou, por muito tempo, o segredo do suicídio do avô. Aos quatorze anos, ele ficara órfão, tivera que assumir as responsabilidades do mundo adulto e crescera sem fazer menção àquela manhã de domingo em que o pai cometera o ato de suicídio.

O narrador (neto), ao pensar sobre o Holocausto (drama coletivo) que provocou a morte de vinte milhões de seres humanos, entre os quais judeus, ciganos, deficientes físicos e mentais, muçulmanos, ateus, testemunhas de Jeová e tantos outros grupos vítimas do preconceito, não se isenta de pensar no drama individual de seu pai, que tivera de conviver com a perda paterna em plena fase da adolescência. Trata-se, na verdade, de uma identificação traumática e mórbida. Como adolescente, o filho, obedecendo ao mandato transgeracional, carregou o fantasma do pai que se fez presente através de patologias e/ou sintomas: o silêncio, o segredo, os medos, a internalização negativa do judaísmo e os sentimentos persecutórios.

Existe todo um encadeamento de emoções e sentimentos que vêm à tona no momento do nascimento do neto e filho (narrador). Essa cadeia se faz presente ainda na terceira geração, quando os pensamentos brotam em forma de ciranda. Assim, as reflexões do narrador em torno do seu nascimento deixam transparecer o elo transgeracional:

Eu imagino o que meu pai sentiu quando estava no hospital, a minha mãe em trabalho de parto, se para ele foi um momento diferente do que é para qualquer pai, se ele teve de fazer um esforço extra para cumprir esse papel, as falas e gestos, as emulações de presença e apoio, as demonstrações extremas de carinho, os abraços externos, o sorriso externo para além do fato de

que ele talvez pensasse no meu avô, e acordasse diariamente com medo de repetir o meu avô, e olhasse diariamente para mim pensando que eu poderia me tornar o que ele era caso ele se tornasse o que foi o meu avô. (Ibidem, pp. 119-120)

Os conflitos e sintomas diretamente relacionados ao trauma do Holocausto e do segredo do suicídio do avô vão se refletir no representante da terceira geração, o neto do sobrevivente da Shoá.

Sob o ponto de vista da transgeracionalidade, o indivíduo é, em si mesmo, seu próprio fim, mas se encontra vinculado a uma cadeia de transmissão subordinada aos antepassados – no caso, o avô (sobrevivente do Holocausto) e a figura paterna (representante da segunda geração pós-Holocausto).

Apesar de ter realizado o Bar Mitzvá<sup>3</sup>, o narrador não se identifica com as tradições judaicas. Esse ritual de passagem, que poderia significar um fortalecimento dos laços com o judaísmo, não passou de uma mera prática social. Na verdade, foi uma celebração típica de uma família burguesa preocupada mais com a cerimônia em si do que, propriamente, com o apego ao judaísmo e à religião monoteísta.

Ao longo de sua infância e adolescência, o menino crescera ouvindo, através do pai, as acusações antissemitas dirigidas ao povo judeu, acusações essas que vão culminar na eliminação de seis milhões de judeus durante a Shoá. Esses episódios de violência e massacre coletivos não interessam a ele sob o ponto de vista coletivo, mas sim sob a perspectiva individual, na medida em que poderia revelar o passado guardado como segredo tanto pela primeira como pela segunda geração. A tradução dos cadernos do avô representa, portanto, um momento crucial na vida do adolescente, visto que ele depara com a revelação do sofrimento familiar e passa, naquele instante da revelação do segredo, a sen-

tir-se parte da cadeia transgeracional. Não há escapatória possível.

Os sintomas traumáticos do elo transgeracional vão se apresentar de forma aguçada na personalidade do narrador-personagem no momento em que, juntamente com outros colegas judeus, o mesmo, através de um ato premeditado anteriormente, provoca a queda de João por ocasião da comemoração de seus treze anos.

João é o único personagem denominado no livro. Deve-se refletir sobre essa denominação e sobre o porquê da mesma. Talvez ele seja o personagem principal do livro visto que, em torno dele, e a partir de sua queda, o personagem-narrador (neto) passa a tomar consciência dos sintomas traumáticos internalizados no seu inconsciente por seus ascendentes. Ele passa a se questionar não apenas sobre a influência do grupo nas decisões tomadas, bem como sobre a intolerância em relação ao diferente e ao mais fragilizado:

[Nas cerimônias de Bar Mitzvá] era comum jogar o aniversariante para o alto treze vezes, um grupo o segurando nas quedas, como numa rede de bombeiros – nesse dia a rede abriu na décima terceira queda e o aniversariante caiu de costas no chão. (Ibid., p. 10)

Esse ato de crueldade e insensatez grupal provocou uma imensa culpa no narrador-personagem, a ponto de ele se questionar sobre a sua participação ativa e deliberada nas decisões do grupo. Deparamo-nos, então, com a figura do agressor, aquele que agride para não ser agredido; aquele que, para se afirmar perante o grupo, é capaz de cometer as atrocidades mais desumanas possíveis. A cadeia transgeracional surge novamente em primeiro plano. O avô, que fora agredido e vitimado pelo Holocausto, não estaria pedindo a desforra através

da brutalidade do neto? O pai do narrador não estaria pedindo uma forma de vingança? São perguntas para as quais não temos respostas convincentes, mas que emergem diante do elo geracional.

Não sei se participei por causa desses outros colegas, e seria fácil a essa altura culpá-los por tudo, ou se em algum momento eu fui ativo na história: se nos dias anteriores tive alguma ideia, se fiz alguma sugestão, se de alguma forma fui indispensável para que tudo saísse exatamente como planejado, nós em coro no verso final, *multos anos de vida* antes de nos aproximarmos dele, um em cada perna, um em cada braço, eu segurando o pescoço porque essa é a parte mais sensível do corpo. (Ibid., p. 21)

A ausência de valores, princípios éticos e os males provocados pelo consumismo excessivo e pelos mimos da educação burguesa que o menino recebera entram em choque com a vida humilde e a condição econômica dos familiares de João. João era um menino góí, de recursos modestos, bolsista da escola judaica, filho de cobrador de ônibus, diferentemente dos pais de seus colegas judeus, que possuíam profissões liberais ou ligadas ao comércio. O comportamento exemplar de João destoava dos colegas, pois ele se dedicava com afinco aos estudos, nunca ficara em recuperação, não participava de nenhum quebra-quebra nem sequer armara uma única “sacanagem” para os professores. Ele representava uma ameaça para o grupo, que o percebia como um menino passivo e isento de maldade, um bode expiatório, portanto, para a descarga de suas frustrações e sentimentos de revolta e preconceito em relação ao diferente.

Segundo Tânia Maria Baibich-Faria (2012, p. 18), o preconceito é basicamente uma *atitude negativa* com relação a um grupo ou pessoa, basean-

do-se num processo de comparação social em que o grupo da pessoa preconceituosa é considerado de um ponto de vista positivo de referência. É uma posição psicológica que acentua sentimentos e atitudes endereçados a um grupo como um todo ou a um indivíduo por ser membro dele (FIGUEIREDO, 2008, p. 68).

O adolescente João, o “coitadinho” da turma, torna-se vítima de bullying escolar, um tipo de atitude agressiva, verbal ou física, praticada repetidamente por um ou mais estudantes contra um aluno:

A música começava assim, *come areia, come areia*. Era como um ritual, o incentivo enquanto João virava o rosto e tentava escapar dos golpes até não resistir e abrir a boca, o gosto quente e áspero, sola de tênis na cara, e só aí o agressor cansava e os gritos diminuía e João era deixado até se levantar já sozinho, ainda vermelho e ajeitando a roupa e pegando de novo a mochila e subindo de novo as escadas como admissão pública do quanto ele era sujo, e fraco, e desprezível. (LAUB, 2011, p. 20)

O fato de o narrador se questionar e se culpar pela prática ativa do bullying e da queda de João poderia refletir o desejo de vingança inconsciente das práticas destrutivas dos carrascos nazistas durante o Holocausto, episódio do qual seu avô fora vítima. A passividade de João por ocasião dos episódios de bullying remete à passividade dos judeus durante o Holocausto. O narrador-personagem fica indignado diante da não reação de João e acredita que um ato de rebeldia poderia ter revertido a situação e impedido que o menino fosse massacrado pelos colegas. Elementos como passividade, não reação, agressividade e perda da dignidade aparecem de forma recorrente ao longo das três gerações:

(...) é só reagir uma vez, é só fechar os olhos e partir para cima de quem o provocou e não largar o pescoço dele ou soltar a mandíbula que arranca um pedaço dele se preciso, uma única vez e ninguém nunca mais vai dizer que você é fraco ou medroso ou góí ou judeu filho de uma puta. (Ibidem, p. 66)

Portanto, o trauma do Holocausto se torna presente nas diferentes etapas do ciclo vital dos indivíduos que integram a cadeia geracional. A memória surge, assim, como elemento importante na reconstrução dos traumas não elaborados a partir desse período histórico dizimador. Segundo o “eu” do narrador, não se podia afrontar a figura paterna, visto que essa atitude significaria, simultaneamente, uma ofensa a Auschwitz. A nova geração, a do filho, ao mesmo tempo em que revela um desconhecimento sobre o Holocausto, denota um repúdio em relação a esse fato histórico. O currículo escolar quase não menciona o episódio do Holocausto e, quando o faz, apenas o menciona brevemente em algum capítulo dos livros escolares. O desconhecimento e a indiferença em relação à Shoá geralmente provocam repúdio no adolescente, por causa contínua lembrança evocada pela geração paterna:

(...) ele dizendo repete o que você falou, repete se você tem coragem, e eu olhando para ele fui capaz de repetir dessa vez devagar, olhando nos olhos dele que eu queria que ele enfiasse Auschwitz e o nazismo e o meu avô bem no meio do cu. (Ibid., pp. 49-50).

O sentimento de culpa perpassa as três gerações e o acerto de contas com o passado ocorre numa estrutura circular em que as mesmas cenas são continuamente revistadas, ganhando novas implica-

ções e detalhes a cada vez que são lembradas:

João não ficou sabendo que briguei com meu pai por causa disso. Que joguei o suporte de durex nele por causa disso. Que por um instante houve a possibilidade de eu atingir a testa e deformar o rosto dele (...) porque de algum modo meu pai era responsável pelo que aconteceu com João, aquelas histórias todas sobre o Holocausto e o renascimento judeu e a obrigação de se defender usando qualquer meio. (Ibid., p. 70)

Analisemos, agora, a personalidade do personagem-narrador, o filho. Ele se torna um adulto problemático, com tendências ao alcoolismo, instável emocionalmente e incapaz de assumir um relacionamento estável e duradouro com as mulheres. Aos quarenta anos, ele já estava no terceiro casamento e nunca revelara a nenhuma de suas mulheres a existência de João e o ocorrido com o colega. O silêncio em relação ao passado faz parte da cadeia traumática transgeracional, uma vez que, de diferentes maneiras, havia a tendência à repetição dos segredos de geração a geração.

O título do livro *Diário da Queda* é significativo, porquanto faz menção à queda planejada de João durante seu décimo terceiro aniversário e aos traumas daí decorrentes: à queda moral do avô e seu suicídio após anos de uma vida aparentemente normal; à queda do pai acometido pelo Alzheimer; e à própria queda do narrador-personagem consumido pelas drogas e pelo álcool. As sucessivas quedas fazem parte da cadeia transgeracional; a quarta geração, no entanto, parece trazer um sinal de esperança.

Após a recuperação do protagonista, quando consegue se livrar do alcoolismo e se firmar com a mulher que ama, ao inteirar-se da notícia do filho que iria nascer, ocorre uma quebra no elo trans-

geracional, dando espaço ao surgimento da esperança na continuidade da espécie:

Ter um filho é deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares (...). (Ibid., p. 150)

(...) mas você olha para mim e sabe intuitivamente o que está por trás de cada uma de minhas palavras, o que significa a pessoa na sua frente, meu avô diante do meu pai, meu pai diante de mim, eu agora e a sensação que acompanhará você enquanto os anos passam e também começo a esquecer todo o resto, o que a esta altura não é mais alegre nem triste, bom ou ruim, verdade ou mentira no passado que também não é nada diante daquilo que sou e serei, quarenta anos, tudo ainda pela frente, a partir do dia em que você nascer. (Ibid., p. 151)

As referências aos escritos do Primo Levi, escritor italiano e sobrevivente do Holocausto, denotam a preocupação relativa à escrita. O narrador faz menção a *É isto um homem?*, escrito por Levi, pois os escritos desse autor surgem como um desejo de compreender o presente em função do passado. Primo Levi sente a necessidade de testemunhar para evitar que as atrocidades do nazismo e a redução do homem ao estado de miserabilidade fossem esquecidos.

O narrador-personagem, por sua vez, utiliza o ato da escrita para entender o passado e a corrente intergeracional da qual ele é herdeiro e testemunha. Ao imergir no passado do avô em Auschwitz e recuperar a memória desse indivíduo cuja experiência traumática de vida está moldada no “mundo como deveria ser” e a do pai, “no mundo como foi de fato”, ele adquire os recursos para fazer uma síntese e, através da crítica, questionar a sua posição diante do mundo.

A escrita, dessa forma, surge como uma espécie de libertação: há a necessidade da queda, tanto física quanto emocional, para que o personagem possa se reerguer de um modo mais sólido e, apesar dos percalços transgeracionais, encontrar a sua posição na cadeia geracional. Essa é a grandiosidade da obra de Michel Laub: uma literatura de caráter universal que aborda as perdas, os afetos, o relacionamento familiar, os laços que podem tanto estreitar como afastar – enfim, as temáticas recorrentes da existência humana.

## NOTAS

1 Termo usado para fazer referência ao não judeu.

2 Sinônimo de Holocausto. Refere-se ao desastre que recaiu sobre o povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial, quando seis milhões de judeus – um terço do povo inteiro e 60% dos judeus europeus – foram aniquilados pela Alemanha nazista e seus colaboradores de outras nacionalidades. Esse episódio começou com as leis discriminatórias contra os judeus da Alemanha após a ascensão de Hitler e do partido nazista ao poder em 1933.

3 O jovem judeu, ao atingir a idade de 13 anos, contados pelo calendário hebraico, converte-se em Bar-Mitzvá, ou seja, pela tradução literal “sujeito ao mandamento”. Isto significa que, a partir desta data está “sujeito”, isto é, deve participar e praticar todos os 613 mandamentos divinos, sendo ele mesmo responsável por todos os seus atos. É a fase da vida em que o jovem atinge a maioridade religiosa.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Barcelona: Editorial Sol90, 2004.

BAIBICH, T. M. *Preconceito e escola: vocabulário de conceitos e palavras-chave*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

\_\_\_\_\_. *Pensando bem: material didático sobre os saberes e as práticas do preconceito no ambiente escolar*. 2005. mimeo.

BAÜMER, A.; TRAHTENBERG, A. R. C.; KAHL, M. L. F. “Transgeracionalidade: a patologia da transmissão psíquica entre gerações”. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 7, n.2, pp. 369-394, 2005.

FIGUEIREDO, C. F. P. *Fatores obstaculizadores na implementação da lei 10639/03 na perspectiva dos(as) professores(as) das escolas públicas estaduais do município de Almirante Tamandaré (PR)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

HELLER, A. G.; MARTINS COSTA, M. B. “A vivência do trauma no Analista: da dor ao ato criativo”. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 7, n.2, pp. 413-427, 2005.

KERTÉSZ, Imre. *Kadish por uma criança não nascida*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

LAUB, Michel. *Diário da Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEZAN, R. *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Campinas: Escuta, 1986.

PEREZ, L. *La identidad reprimida*. Buenos Aires: Galerna, 1968.

Recebido em 05/10/2013

Aceito em 27/11/2013